



11º UNICULT - VII Concurso de Contos e Crônicas

O ENCONTRO

Autor(es)

RENAN SPOLIDORIO LIMA

Contos / Cricas

A cerveja estava gelada. Foi a isso que Eduardo atribuiu os 17 copos que ingeriu durante as três horas que permaneceu no *happy hour* da empresa. A secretária da corporação em que ele trabalhava já apresentava sinais de pileque após pedir a quarta caipirinha ao garçom engravatado. O pessoal do setor de marketing travava uma acirrada discussão sobre os mais exóticos sabores de drinks com cachaça que já haviam provado. A recepcionista lutava para não cochilar, com a cabeça levemente recostada no ombro do rapaz do TI. Após um devaneio que durou cinco minutos, em que ficou tentando adivinhar quantos palitos existiam dentro da pequena embalagem de plástico craquelado, Eduardo resolveu ir ao banheiro para, em seguida, pagar o que havia consumido e ir embora.

O banheiro fedia a urina e havia papel higiênico transbordando do pequeno lixo à esquerda. Foram necessárias duas tentativas para que o rapaz conseguisse acertar o mictório, e uma sensação de alívio espalhou por suas pernas quando o líquido quente esvaiu de seu corpo. Não fechou a braguilha e lavou apenas a mão que segurou o membro, talvez por distração, talvez pelo álcool que atrasava seus sentidos. Ao sair, a porta foi um obstáculo maior do que deveria, e, presos na maçaneta, ficaram fiapos da camiseta verde que vestia. O caixa ficava bem ao lado da porta de saída, o que facilitou para que ele pudesse realizar o pagamento do que consumiu e, em menos de 2 minutos, estar respirando o ar fresco da noite. Ainda eram 22h50.

Somente enquanto atravessava a rua em direção ao seu carro, um modelo Celta de cor azul petróleo, Eduardo lembrou que não se despedira dos colegas de trabalho. Ao ter um relapso de voltar para desejar boa noite a cada um, ele considerou que seu chefe direto e três ou quatro colaboradores já haviam ido embora há, no mínimo, quarenta minutos, e decidiu que não valia à pena atravessar a rua, adentrar o bar e desejar um “até amanhã!” aos que ainda estavam lá.

A chave demorou a encontrar seu destino no pequeno buraco, quase imperceptível, no canto da porta do veículo. Ao girá-la, Eduardo teve um leve sobressalto, pois um pequeno toque se fez, avisando que o alarme fora desativado. Ele arrancou a carteira e o celular dos bolsos traseiros e jogou-os no banco do motorista, para, em seguida, sentar em cima deles. Bateu a porta forte demais e lembrou-se do pai, que sempre disparava, divertida e ironicamente: “Não tem geladeira em casa, moleque?”. Ao sentir que algo incomodava sua nádega direita, Eduardo percebeu que sentara em cima dos pertences, e na tentativa de retirá-los debaixo das calças, bateu a cabeça no teto do veículo. O álcool agiu novamente e fez seu corpo retardar a intensidade da dor causada pelo impacto.

O mesmo problema ocorreu no momento de procurar o buraco em que a chave deveria ser inserida para ligar o carro. Seis tentativas e um soluço foram necessários para que Eduardo conseguisse inserir a chave na ignição. Antes de dar partida, o rapaz teve sua atenção voltada para um pequeno objeto rosa, que brilhava sob a luz oriunda de um poste, atravessava a vidraça sobre o painel e iluminava o interior do carro. Era uma presilha de cabelo, daquelas utilizadas para prender mechas de franja ao lado da orelha. Ao perceber que sorria, Eduardo se deu conta de que o pequeno objeto pertencia a sua esposa.

Marcela era a pequena joia que Eduardo havia encontrado e cultivado durante os breves 29 anos vividos até aquele momento. Ao se conhecerem, embriagados, numa balada em uma noite quente de dezembro, foram para a cama rápido demais e se apaixonaram antes que ele pudesse deixá-la em casa, na manhã seguinte. Namoraram durante 4 anos. Noivaram por 15 meses. Casaram. Eduardo não era o homem mais feliz do mundo no trabalho, mas podia dizer que havia um bom motivo para chegar em casa depois das 18 horas e descalçar os sapatos.

O ronco do motor fez um gato assustado escalar um muro. Eduardo precisou dar ré com o carro para que este descesse a pequena rampa em que estava estacionado e encontrasse a via de tráfego. Uma pequena confusão entre suas pernas fez com que o pedal da embreagem fosse solto com o carro já engatado em primeira marcha, pronto para ganhar movimento. O veículo desligou sozinho emitindo um som que lembrava o relinchar de um cavalo, e ficou parado no meio da via por alguns segundos, até que o rapaz percebesse o ocorrido e ligasse o carro novamente. Embreagem. Primeira marcha. Acelerador. O carro ganhou velocidade.

Trafegando a sessenta quilômetros por hora, Eduardo cruzou três sinais vermelhos seguidos e deu risada de si mesmo ao gesticular

para um grupo de prostitutas. No único sinal vermelho em que parou, o rapaz se lembrou de que havia comprado um som mais potente para o veículo. Buscando, encontrou-o no porta-luvas. Encaixou-o na base e o ligou. Àquela hora, sua estação de rádio favorita tocava músicas eletrônicas e isso o deixou feliz. Recordando-se da noite em que conheceu Marcela, fechou os olhos e começou a balançar a cabeça no compasso da batida, até que uma buzina contínua despertou-o de seu pequeno sonho, fazendo com que ele abrisse os olhos de supetão e percebesse que o sinal já estava verde. Olhando pelo retrovisor, mesmo com a visão turva, reconheceu o rosto do motorista dono da buzina impaciente. Era um idiota que morava no mesmo edifício que ele, e que havia discutido com meia dúzia de pessoas sobre a taxa de reforma da churrasqueira, na última reunião de condomínio.

Decidido a não deixar o idiota lhe ultrapassar, Eduardo acelerou o máximo que pôde, mas foi pego em flagrante por uma curva obrigatória que o impediu de acelerar o veículo ainda mais. Encontrando a avenida principal que dava acesso ao bairro em quem morava, o rapaz pôde sentir seu pé pesar sobre um dos pedais, e, atingindo cem quilômetros por hora, quase levou consigo quatro cones de sinalização colocados na via. Finalmente adentrando o bairro em que morava, o rapaz avistou, ainda longe, seu prédio. Para chegar até lá, era necessário descer uma ladeira íngreme, avançar sete quadras e virar uma esquina.

Ao iniciar a descida da ladeira, com o veículo ainda em alta velocidade, Eduardo sentiu um solavanco quando as rodas do lado esquerdo encontraram um buraco coberto por lama e cascalho. O rapaz percebeu que a ladeira era cercada por um matagal alto e espesso, e por algumas árvores de raiz e tronco grossos. Acelerando novamente para não permitir que o idiota do carro atrás tivesse chances de ultrapassá-lo, Eduardo se assustou com uma coruja que voava baixo para espantar possíveis ameaças ao seu ninho, encarapitado em uma pequena relva sob as árvores, e que cruzou o painel do veículo com as asas abertas, numa intimidadora posição de ataque. As mãos, trêmulas e descontroladas devido ao susto somado ao efeito do álcool, atropalharam-se no momento de segurar o volante.

Eduardo não sabia ao certo como aconteceu, mas no momento em que suas mãos não puderam mais encontrar o volante, seus pés igualmente se confundiram e se prenderam abaixo dos pedais. Talvez as mãos e os pés fossem os responsáveis, ou a coruja que voava rasteira, quem sabe o som alto que fazia o banco e os vidros tremerem, ou então a alta velocidade em que o carro trafegava. O fato é que a luz branca do farol iluminou um corpo. Este, duro e pesado, se chocou contra o capô do carro antes que qualquer coisa pudesse ser feita, emitindo um som que era a mescla de ferro sofrendo impacto e um grito estridente e frenético. No mesmo instante, Eduardo bateu a cabeça na lataria interna do lado esquerdo, rasgou o supercílio e desmaiou antes de ver seu próprio sangue jorrar sobre o vidro à frente. Do lado de fora, o corpo, impulsionado pelo impacto causado pelo choque com o carro, girou no ar e caiu entre o matagal e o meio fio, revelando um vestido florido, pernas magricelas e calçados cáqui baixos. Era uma mulher.

Antes que algum curioso pudesse balbuciar algo sobre chamar uma ambulância, podia-se ouvir o som característico do veículo de emergência. Paramédicos isolaram a cena e retiraram o corpo da mulher; o que se ouviu deles era unânime: ela estava morta. O rapaz foi rapidamente socorrido, e, verificando seus sinais vitais, pôde-se concluir que apesar do sangue excessivo que jorrava de sua testa e inundava-lhe o rosto, ele estava vivo.

Eduardo Caieira viu sua vida ruir quando recuperou os sentidos, na manhã seguinte, no hospital. Não havia acontecido nada de grave com o rapaz, apenas o grande corte no supercílio e algumas escoriações pelo corpo. Entretanto, como a cabeça havia sido afetada por um grande golpe, era necessário permanecer alguns dias em observação. Foi informado por uma esposa desesperada do que ocorrera na noite anterior, e que provavelmente seria preso após se recuperar. Marcela explicou que o rapaz havia atropelado a jovem Andréa Porto, de 22 anos, e que ela morrera no mesmo instante em que se chocara com o veículo. Traumatismo craniano seguido de morte cerebral e massa encefálica espalhada por todo o matagal. Os exames necessários haviam apontado a alta dosagem de álcool no sangue de Eduardo, e ele descobriu que teria de pagar caro pelos 17 copos de cerveja ingeridos na última noite.

Não adiantou vender a moto que havia acabado de quitar as prestações para pagar um advogado, pois o primeiro habeas corpus já fora negado. Após os dois dias que passou em observação, Eduardo deixou o hospital em uma viatura de polícia com um destino certo: uma vida atrás das grades. Não uma vida toda, claro, mas quatro anos de condenação a se isolar do resto do mundo e dividir a cela com três outros detentos que possuíam ensino superior.

“Quatro anos passam rápido”, era o que a maioria dizia.

Já haviam se passado 8 meses desde a morte de sua irmã, e apenas agora Bárbara Porto se sentia capaz de abrir a porta do quarto de Andréa, sentir o cheiro que suas roupas ainda exalavam, olhar e tocar nos objetos que haviam feito parte do universo da irmã. Tudo ainda permanecia no mesmo lugar que ela havia deixado. O abajur feito de palha grossa e corda encontrava-se tímido ao lado da cama; o travesseiro ainda estava amassado no formato da cabeça que há tempos não deitava mais ali; a poltrona de estofado bege e a mesa em que Andréa lia, usava o *notebook*, apoiava seus livros e bugigangas ainda estava recostada na parede, no canto esquerdo do ambiente.

Ao sentar na poltrona para ter uma visão completa do quarto, Bárbara enxugou os olhos que haviam se molhado pela emoção de visitar o ambiente de sua irmã. Lançando um olhar triste para o mural de fotos pregado na parede acima da mesa, ela sentiu os lábios se contraírem num sorriso quando avistou a foto que centrava o painel: ela e sua irmã rindo em cima de um barco de pesca, enroladas e unidas pela linha que precedia o anzol.

Bárbara lembrou-se que Andréa era a única que possuía, no *notebook*, as fotos do último fim de semana que passaram juntas, bem como imagens semelhantes àquelas que estavam presas no mural. Respirando fundo, decidiu que passaria aquele dia junto da irmã. Entretanto, ao levantar o monitor do computador portátil, Bárbara percebeu que um papel, dobrado até atingir um tamanho que coubesse na palma de uma mão, havia sido colocado ali. Olhando fixamente para o pequeno formato branco por alguns segundos, Bárbara sentiu o estranhamento atingir e perturbar seus pensamentos de forma que não conseguia se decidir entre tocar no papel ou

sair depressa do ambiente. Confusa, mas motivada a descobrir o que era aquilo, a moça retirou o papel de dentro do *notebook*, cuidadosamente o desdobrou, e, com as mãos trêmulas por perceber que algo fora escrito pelo próprio punho de Andréa, leu.

Bárbara, irmã.

Gostaria de te dizer tantas coisas, mas não sou capaz. Gostaria que entendesse o quanto é difícil viver num mundo em que não me sinto mais parte. Mamãe, papai e você são os três anjos da minha vida, e desde que eles se foram, meus dias são cada vez mais difíceis e dolorosos. Não sou mais capaz, irmã. Gostaria de ter coragem de te abraçar, dizer o quanto te amo, o quanto sou grata por tudo que você já fez por mim, especialmente quando morávamos naquela maldita cidade. Vou levar para sempre comigo todo o amor que sinto por você e por meus dois outros anjos. Eu os amo tanto. Sou fraca até no momento de me despedir, talvez por medo de que você perceba que nosso último abraço se trata de uma despedida, e não me deixe ir, ou talvez de perder a coragem de partir quando sentir seus braços quentes ao meu redor. Também não sei como vou fazer para entregar-lhe isto. Talvez eu a deixe em cima da mesa da cozinha para que você a leia assim que acordar, talvez eu a deixe entre minhas roupas e pertences. Apenas espero que você aceite essa explicação que não fui capaz de dar olhando em seus olhos. Deixei todas as minhas coisas em meu armário e em caixas embaixo da cama, e agora elas são suas.

Vou encontrar a luz.

Eu te amo.

Andréa.